

**REQUERIMENTO** Número / ( .ª)

**PERGUNTA** Número / ( .ª)

Expeça - se

Publique - se

O Secretário da Mesa

Assunto:

Destinatário:

**Ex. ma Sr.ª Presidente da Assembleia da República**

Em virtude de termos vindo a constatar que o Governo não responde a grande parte das perguntas endereçadas no prazo regimental de trinta dias e só parece fazê-lo quando as remetemos novamente, o Bloco de Esquerda procede ao terceiro reenvio da pergunta designada “Tratamento dos aneurismas cerebrais no Hospital de São José, Centro Hospitalar de Lisboa Central”, com os números 850/XII/4ª e 1235/XII/4ª, cujo prazo de resposta se encontra ultrapassado.

A rutura de um aneurisma cerebral manifesta-se como uma hemorragia subaracnoideia (HSA). A HSA tem uma taxa de mortalidade superior a 50% e é responsável por uma elevada morbilidade nos sobreviventes. Uma parte significativa das mortes deve-se a um processo de rutura secundária (o aneurisma rompe novamente após a primeira rutura); é aí que muitos doentes acabam por morrer e é também aí que a medicina hoje pode intervir eficazmente para prevenir a catástrofe.

De acordo com toda a evidência científica publicada nos últimos anos e consensos internacionais, após uma primeira rutura de aneurisma o tratamento desse mesmo aneurisma deve ser feito o mais precocemente possível, de preferência nas primeiras 24 horas. Este procedimento previne a re-hemorragia e permite um tratamento adequado das lesões secundárias que surgem frequentemente nas primeiras duas semanas após a rutura.

Em virtude desta evidência e com vista ao melhor tratamento possível dos doentes com esta patologia, o Centro Hospitalar de Lisboa Central (CHLC) tinha em funcionamento uma equipa de Neurorradiologia de Intervenção e outra de Neurocirurgia Vasculard. Estas equipas asseguravam, até meados de 2014, uma escala de prevenção ao fim de semana que permitia que assim que um doente desse entrada no hospital com rutura de aneurisma, pudesse ser imediatamente tratado. Durante os anos em que estas equipas funcionaram, preveniram-se mortes desnecessárias. Para além disso recebiam doentes com rutura de aneurisma de todo o sul do país.

Desde fevereiro de 2013, após o corte imposto pelo Governo no pagamento de horas extraordinárias a todos os funcionários públicos, que a equipa de Neurorradiologia de Intervenção recusou continuar a assegurar a referida escala ao fim de semana, porque implicaria estarem 48 horas sempre disponíveis a um preço inaceitável. Já em 2014 o mesmo sucedeu com a equipa de Neurocirurgia Vascolar.

O Bloco de Esquerda questionou o Governo (Pergunta n.º 2323/XII/2ª) sobre esta situação em junho de 2013. Na resposta, o Governo reconhecia o problema referindo esperar que “este constrangimento esteja ultrapassado brevemente”. No entanto, mais de um ano passou e a situação não só não foi ultrapassada como se deteriorou. De facto, o Hospital de São José deixou de ter equipa de Neurocirurgia Vascolar em meados de 2014. Como tal, desde então, todas as pessoas que deem entrada nesta unidade hospitalar com aneurisma a partir de sexta-feira às 16h00 terão que aguardar até ao dia útil seguinte para tratar o aneurisma. Esta é uma situação desadequada do ponto de vista clínico, que pode sujeitar os doentes a consequências graves e irreversíveis.

Perante o exposto, urge aferir quais os procedimentos que vão ser adotados para resolver esta situação, de modo a assegurar o tratamento dos aneurismas ao fim de semana, seja no Hospital de São José seja garantindo a transferência dos doentes para outra unidade onde o procedimento se efetue. Por outro lado, urge também investigar que consequências advieram do facto de não se realizar este procedimento ao fim de semana.

*Atendendo ao exposto, e ao abrigo das disposições constitucionais e regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda vem por este meio dirigir ao Governo, através do Ministério da Saúde, as seguintes perguntas:*

1. O Governo tem conhecimento da situação exposta?
2. Que medidas estão a ser implementadas para resolver esta situação?
3. Em 2013 e 2014, quantos doentes atendidos no Hospital de São José ficaram privados de verem os seus aneurismas tratados a tempo e horas? Quantos morreram em virtude disso? Quantos ficaram com sequelas?
4. Foi efetuada alguma queixa junto das instituições hospitalares, por parte dos mesmos ou dos seus familiares?
5. Por que motivo o Hospital de São José (Centro Hospitalar de Lisboa Central) não transfere os utentes que necessitam deste procedimento ao fim de semana para o Hospital de Santa Maria (Centro Hospitalar de Lisboa Norte)?
6. Foi elaborado algum estudo ou inquérito sobre as consequências da não realização de tratamento de aneurismas ao fim de semana? O Governo vai ordenar a realização deste estudo?

Palácio de São Bento, quarta-feira, 27 de Maio de 2015

Deputado(a)s

HELENA PINTO(BE)